

SILVA, J. B. da; BISPO, T. N. G. A óptica dos colostomizados sobre o uso de bolsa de colostomia. A óptica dos colostomizados sobre o uso da bolsa de colostomia. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, VI., 2016 Itajubá, 2016. **Anais...** Itajubá, 2016.

Jessyka Bernardo da Silva<sup>1</sup>  
Thamiris Nilza Guimarães Bispo<sup>2</sup>  
Ivandira Anselmo Ribeiro Simões<sup>3</sup>  
Mariângela Gomes Paixão<sup>4</sup>  
FAPEMIG<sup>5</sup>

Temos como foco deste trabalho entender o que significa para o paciente colostomizado fazer uso do dispositivo coletor de colostomia, quais as alterações decorrentes dessa nova condição. O interesse em realizar este estudo surgiu no terceiro ano de graduação em enfermagem, quando tivemos aula sobre colostomia, Foi possível também conhecer os diversos tipos de dispositivos coletores e, ainda, a oportunidade de prestar assistência a um paciente colostomizado no campo de ensino clínico. Devido a essa experiência, despertou-nos ainda mais o interesse pelo tema, visto que ao longo de nossa vida profissional poderemos nos deparar com a problemática enfrentada pelo paciente e sua família. Desta forma, o conhecimento sobre o tema possibilitará um atendimento de enfermagem com mais qualidade. A pesquisa foi de grande relevância científica, pois, acreditamos que irá acrescentar-nos crescimento científico nesta área, além do que ao realizar o levantamento bibliográfico foi possível perceber escassez de artigos periódicos que aborda esta temática. A pesquisa ajudará a sociedade, principalmente, a família para que esta saiba o que é a colostomia, quais as dificuldades enfrentadas pelo familiar colostomizado, que pode sentir-se constrangido pelo fato de ter que usar a bolsa coletora, a não adaptação a sua nova imagem corporal perante a sociedade, pois entendemos que a família tem papel fundamental na aceitação desta nova condição. Para o profissional – enfermeiro - entendemos que esse estudo vai direcionar os cuidados a serem prestados ao colostomizado, não só físico, abordando também o aspecto emocional. A partir daí, nota-se que o paciente passa a apresentar uma boa aceitação ao tratamento e, conseqüentemente, uma melhor adaptação a essa nova fase. Em seguida, elencamos os seguintes objetivos: Identificar o significado do uso de bolsa de colostomia para os colostomizados residentes da cidade de Itajubá - MG - e analisar as características dos colostomizados quanto aos dados sociodemográficos e clínicos, bem como, sentimentos, alterações sociais e psicológicas geradas pela ostomia. O cenário de estudo foi a Cidade de Itajubá-MG. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, tem como método o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) baseado na Teoria das Representações Sociais (TRS), a amostragem “bola de neve” ou amostragem de rede, foi composta de 20 participantes com idade a partir de 18 anos. Os critérios de inclusão foram: fazer uso do dispositivo coletor de colostomia por, no mínimo, 6

<sup>1</sup> Bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação Científica. Acadêmica de Enfermagem. Escola de Enfermagem Wenceslau Braz. Itajubá-MG. E-mail: [jessyka.bs2014@gmail.com](mailto:jessyka.bs2014@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica de Enfermagem. Escola de Enfermagem Wenceslau Braz. Itajubá-MG. E-mail: [thamiris.bispo@hotmail.com](mailto:thamiris.bispo@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora. Professora Mestra. Escola de Enfermagem Wenceslau Braz. Itajubá-MG. E-mail: [ivandiranselmors@hotmail.com](mailto:ivandiranselmors@hotmail.com)

<sup>4</sup> Coorientadora. Enfermeira. [mg3paixao@yahoo.com.br](mailto:mg3paixao@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Fonte Financiadora

meses, morar na cidade de Itajubá- MG - aceitar participar da pesquisa, ter idade superior a 18 anos e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os critérios de exclusão são os que contrapõem os critérios de inclusão. Para a realização da análise de dados estatísticos foi utilizada uma tabela contendo frequência absoluta e relativa. O presente estudo seguiu os preceitos estabelecidos pela resolução 466/12 de 12/12/2012, do Ministério da Saúde, e iniciou após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz. Preservamos o anonimato de cada paciente utilizando como codificação C1, C2, C3, oriundo da palavra colostomizado<sup>1</sup>. Como resultado, com base nos dados referentes às características pessoais dos 20 participantes, observa-se que a maioria dos participantes pertencia ao gênero feminino, um percentual de 65%. Quanto à variável idade, 95% dos participantes apresentaram idade superior a 43 anos. Vale ressaltar que apenas um dos participantes apresenta idade entre 18 a 23 anos. No que se refere à escolaridade dos participantes, evidenciou-se que 15% dos participantes relataram ter Ensino Superior completo, 80% dividiu, igualmente, entre Ensino Fundamental e Médio e, apenas, 5% destes participantes declararam semianalfabeto. Quanto à religião, prevaleceu a religião católica com 80% dos participantes. Ao investigar a variável tipo de colostomia, observou-se que a maioria utilizava colostomia permanente, o que corresponde a 80% dos entrevistados. Finalmente, ao investigar sobre a participação em grupos de apoio a pessoas colostomizadas, observou-se que 100% dos entrevistados do presente estudo afirmaram nunca ter participado de nenhum tipo de grupo para apoio a pessoas colostomizadas e que eram falhas as orientações que receberam quanto aos cuidados com a colostomia e convivência com a mesma. Os resultados obtidos através das entrevistas foram as seguintes idéias centrais: “Me adaptei”, pois, foi possível observar que embora as mudanças ocorridas nem sempre sejam positivas, muitas delas fazem com que a pessoa com o tempo, crie formas de adaptação frente ao problema, a fim de garantir a qualidade de vida para si. A segunda idéia central mais freqüente encontrada entre os participantes deste estudo foi: “É muito difícil.” Tal percepção é compreendida pelas pesquisadoras, também retratada frente à série de dificuldades e limitações, a ostomia e a bolsa transpassam a pessoa. Outra idéia central levantada por meio dos discursos entre os participantes deste estudo foi: “não gosto, não aceito.” Tal percepção pode ser compreendida pelo fato de muitos dos colostomizados serem privados de realizarem atividades laborais, o que facilita o isolamento social deste indivíduo. Outro fator que fica evidente a não aceitação da condição de colostomizado, seria o fato de que a maioria dos participantes, declaram-se ser casados ou possuírem companheiros. Logo, a colostomia traz para a vida da pessoa muitas restrições, sendo uma das mais impactantes para o indivíduo as mudanças sexuais. Inicialmente, a pessoa pós-ostomia passa por uma fase de desorganização de sentimentos, ou seja, vislumbra um verdadeiro sentimento de luto em sua vida mediante as modificações ocasionadas pela ostomia e pelo dispositivo coletor. Todavia, após semanas, meses ou anos, cada pessoa tem o seu ritmo, vai se adaptando com o convívio familiar aliado aos amigos e profissionais da área de saúde. Assim, os pacientes passam a aceitar a nova condição. Como limitações para o estudo, cabe ressaltar a dificuldade em encontrar pacientes ostomizados que aceitem participar do mesmo, todavia, compreende-se que quando o entrevistado tem pouco tempo ostomizado, este sente mais dificuldade em responder e conviver com a doença em sociedade. Outro fator que justifica a não cooperação de todos os pacientes colostomizados localizados seria que os entrevistados não estariam de fato na mesma etapa do processo de

aceitação da estomia, por isso encontramos respostas positivas e negativas. Novos estudos devem ser realizados abordando a temática com amostras maiores. Também com o intuito de identificar a importância do relacionamento entre o paciente ostomizado e a equipe multidisciplinar, haja vista que neste estudo, os participantes declararam ter poucas informações provenientes dos profissionais da saúde e a participação dos mesmos pode contribuir na elaboração de novas estratégias de adaptação frente aos cuidados e uso da bolsa de colostomia. Houve crescimento de nossa parte e interesse sobre o assunto. Portanto, pretendemos divulgar e publicar esta pesquisa.

**Palavras-chave:** Colostomia. Adaptação Psicológica. Cuidado de Enfermagem.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. C. de et al. A percepção do paciente portador de ostomia com relação a sua sexualidade. **Revista Interdisciplinar**, Teresina, v. 6, n. 3, p. 26-35, jul./set. 2013. Disponível em: <[http://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/90/pdf\\_47](http://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/90/pdf_47)>. Acesso em: 17 mar. 2016.

AQUINO, P. S. et al. Assistência de enfermagem a paciente com colostomia: aplicação da teoria da Oren. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 94-100, jan./mar. 2008.

BARBUTTI, R. C. S.; SILVA, M. C. P.; ABREU, M. A. L. Ostomia, uma difícil adaptação. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 27-39, dez. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v11n2/v11n2a04.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

BARROS, M. D. et al. O perfil dos pacientes estomizados com diagnóstico primário de câncer de reto em acompanhamento em programa de reabilitação. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 280-286, 2012. Disponível em: <[http://www.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2012\\_3/artigos/CSC\\_v20n3\\_280-286.pdf](http://www.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2012_3/artigos/CSC_v20n3_280-286.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2014.

LEFREVE, F.; LEFREVE, A. M. C. **Depoimento e discursos**: uma proposta de análise social. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

SMELTZER, S. C. et al. **Brunner & Suddarth tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

ZAGO, M. M. F.; GEMELLI, L. M. G.; ZAGO, M. M. F. A interpretação do cuidado com o ostomizado na visão do enfermeiro: um estudo de Caso. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, n. 20, v. 1, p. 34-40, jan./fev. 2002.

VIOLIN, M. R.; SALES, C. A. Experiências cotidianas de pessoas colostomizadas por câncer: enfoque existencial. **Revista Eletrônica Enfermagem**, Goiânia, v. 12, n.

2, p. 278-286, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i2.5590>>.